



DOI <https://doi.org/10.31639/rbfpf.v17.i36.e789>

Recebimento em: 14/04/2024 | Aceite em: 28/02/2025

ARTIGOS

A AÇÃO ORIENTADORA NA RESIDÊNCIA PEDAGÓGICA: EXAUSTÃO MENTAL E A TRANSPOSIÇÃO DO TRABALHO DOCENTE NA PANDEMIA

Ana Carolina Sabino dos SANTOS
Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)
Alfenas, MG - Brasil
santoscarol0680@gmail.com
<https://orcid.org/0000-0003-4728-5085> 

Helena Maria dos Santos FELÍCIO
Universidade Federal de Alfenas (UNIFAL-MG)
Alfenas, MG - Brasil
helena.felicio@unifal-mg.edu.br
<https://orcid.org/0000-0002-6627-6304> 

RESUMO: O presente artigo tem por objetivo discutir como a atividade docente de orientação, no âmbito do Programa de Residência Pedagógica em uma Universidade do Sul de Minas, foi mediada digitalmente, enfocando a transferência da docência para o ambiente residencial e os desafios enfrentados pelos professores orientadores nesse contexto. Ademais, destaca-se a natureza multifacetada do trabalho do orientador e as implicações significativas que os aspectos emocionais tiveram no processo de orientação e no próprio bem-estar (ou mal-estar) do docente universitário. A pesquisa qualitativa, realizada por meio de entrevistas com sete orientadores e analisada com base nos pressupostos da análise construtiva-interpretativa de González Rey (2010), revela que a pandemia intensificou e complexificou o trabalho dos orientadores. A invasão do espaço doméstico pelo trabalho docente gerou desafios para conciliar as demandas profissionais com as responsabilidades familiares e domésticas, impactando o bem-estar dos orientadores.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino remoto. Covid-19. Programas de formação de professores. Residência Pedagógica. Processo de Orientação.

GUIDANCE ACTION IN THE TEACHING RESIDENCY: MENTAL EXHAUSTION AND THE TRANSPOSITION OF TEACHING WORK IN THE PANDEMIC

ABSTRACT: This article aims to discuss how the teaching activity of advising, within the scope of the Pedagogical Residency Program at a University in the South of Minas Gerais, was digitally mediated, focusing on the transfer of teaching to the residential environment and the challenges faced by advising teachers in this context. Furthermore, the multifaceted nature of the advising work and the significant implications that emotional aspects had on the advising process and on the well-being (or discomfort) of the university teacher are highlighted. The qualitative research, conducted through interviews with seven advising teachers and analyzed based on the assumptions of González Rey's (2010) constructive-interpretative analysis, reveals that the pandemic intensified and made the work of advising teachers more complex. The invasion of the domestic space by teaching work generated challenges in reconciling professional demands with family and domestic responsibilities, impacting the well-being of advising teachers.

KEYWORDS: Remote teaching. Teacher training programs. Pedagogical Residency. Orientation Process.

LA ACCIÓN ORIENTADORA EN LA RESIDENCIA PEDAGÓGICA: EL AGOTAMIENTO MENTAL Y LA TRANSPOSICIÓN DEL TRABAJO DOCENTE EN LA PANDEMIA

RESUMEN: Este artículo tiene como objetivo discutir cómo la actividad docente de orientación, en el ámbito del Programa de Residencia Pedagógica en una Universidad del Sur de Minas Gerais, fue mediada digitalmente, centrándose en la transferencia de la enseñanza al ambiente residencial y los desafíos que enfrentan los docentes de orientación en ese contexto. Además, se destaca el carácter multifacético del trabajo del asesor y las significativas implicaciones que tienen los aspectos emocionales en el proceso de orientación y en el bienestar (o malestar) del profesor universitario. La investigación cualitativa, realizada a través de entrevistas a siete asesores y analizada a partir de los supuestos del análisis constructivo-interpretativo de González Rey (2010), revela que la pandemia intensificó y complicó el trabajo de los asesores. La invasión del espacio doméstico por parte del trabajo docente creó desafíos para conciliar las demandas profesionales con las responsabilidades familiares y domésticas, impactando el bienestar de los asesores.

PALABRAS-CLAVE: Enseñanza Remota. Programa de Formación docente. Residencia Pedagógica. Proceso de Orientación.

INTRODUÇÃO

A pandemia de COVID-19, deflagrada em 2020 e oficialmente encerrada em meados de 2022, provocou transformações profundas em diversas esferas da sociedade, e com a educação não foi diferente. Um dos aspectos mais marcantes dessa mudança foi a transferência abrupta da docência para o ambiente residencial. Esse fenômeno inédito impulsionado pela pandemia não apenas reconfigurou as práticas educacionais, mas também expôs e exacerbou as condições precárias enfrentadas pelos profissionais da educação.

A mudança súbita para o ensino remoto exigiu dos professores uma adaptação rápida e significativa às tecnologias digitais, transformando radicalmente a natureza do trabalho docente. Além disso, a transferência das atividades educacionais para o ambiente residencial trouxe à tona uma série de questões relacionadas à sobrecarga de trabalho, à falta de infraestrutura adequada e à necessidade de conciliar as demandas profissionais com as responsabilidades familiares.

Pesquisas recentes da Fundação Carlos Chagas, conduzidas por Lombardi, Bizzochi, Natti e Souza (2023), apontam para uma perda substancial de postos de trabalho para professores do Ensino Fundamental sob o regime CLT (Consolidação das Leis de Trabalho), com 2.138 empregos eliminados em 2020 e 3.715, em 2021. A recuperação do setor, por sua vez, teve início no primeiro semestre de 2022, com a contratação de mais de 9.600 docentes, à medida que as aulas presenciais foram gradualmente retomadas. A mesma pesquisa revela que as professoras, que representam cerca de 80% do corpo docente do Ensino Fundamental, foram particularmente impactadas. A migração das atividades para o ambiente doméstico acentuou a sobrecarga de trabalho, uma vez que se intensificou a necessidade de conciliar as responsabilidades profissionais com as demandas domésticas.

No contexto do Programa Residência Pedagógica (PRP), essas dificuldades também se manifestaram, uma vez que o programa está diretamente relacionado à Educação Básica, com suas atividades sendo desenvolvidas no âmbito das escolas públicas. O PRP, proposto pela CAPES, tem por finalidade potencializar a formação de professores e apoiar as Instituições de Ensino Superior na implementação e construção de projetos que estimulem a parceria e colaboração das Instituições de Educação Básica, numa perspectiva de proporcionar um aperfeiçoamento na formação inicial de professores, propiciando, assim, uma formação teórico-prática para os licenciandos.

Com a premissa de promover a imersão ativa dos residentes no cotidiano escolar, o PRP enfrentou obstáculos significativos devido às restrições impostas pela pandemia. A necessidade de adaptação às novas condições de ensino remoto e às limitações de interação presencial impactou o pleno desenvolvimento das atividades e a integração dos residentes com o ambiente escolar.

O Edital de nº 1 de 2020 da CAPES, que abrangeu o período da pandemia, trouxe consigo uma série de desafios para as atividades do programa. A necessidade de desenvolver as atividades do programa de forma remota levantou questões importantes sobre como garantir uma imersão eficaz no contexto da escola pública, em meio a um cenário de distanciamento social. Afinal, o cerne do PRP reside na oportunidade da experiência teórico-prática e na interação direta com os ambientes escolares, o que se tornou substancialmente comprometido em função das medidas de segurança necessárias para conter a propagação do vírus.

Com esses pressupostos, este artigo discute como a atividade docente, em especial a ação orientadora, realizada no âmbito do PRP foi desenvolvida por intermédio da mediação digital, sobretudo no que concerne à

transferência da docência para o ambiente residencial, destacando os desafios e as precarizações enfrentadas pelos orientadores durante esse período desafiador. É importante ressaltar que o docente orientador, central para este estudo, é o professor da Instituição de Ensino Superior ao qual o residente está vinculado. Seu papel é orientar os residentes ao longo da imersão prática, fazendo a mediação entre os residentes e o contexto escolar, além de articular a experiência de residência com os conteúdos estudados no curso de graduação.

Nesse contexto, torna-se fundamental compreender não apenas os desafios práticos enfrentados pelos docentes orientadores, mas também as implicações mais amplas da precarização da docência. A precarização não se restringe apenas às condições de trabalho, mas também à forma como afeta a qualidade do ensino, a saúde mental dos professores e a própria estrutura do sistema educacional.

Assim, o artigo explora os impactos do deslocamento do espaço presencial acadêmico de ensino para o ambiente doméstico. Essa transição, embora tenha proporcionado uma medida de segurança em termos de saúde física, trouxe consigo desafios inesperados, redefinindo as fronteiras entre a esfera profissional e pessoal.

MATERIAIS E MÉTODOS

Este artigo deriva de uma pesquisa mais ampla realizada no âmbito de um programa de mestrado, cujo objetivo foi analisar a experiência de orientação no PRP durante a pandemia, em uma universidade pública localizada no Sul de Minas Gerais. A amostra do estudo foi composta por sete docentes universitários que atuaram como orientadores no PRP no período correspondente ao Edital CAPES nº 1 de 2020.

A coleta de dados foi realizada por meio de entrevistas semiestruturadas, escolhidas por permitirem um aprofundamento na compreensão das percepções e vivências dos docentes orientadores durante o contexto pandêmico. Essa técnica possibilitou explorar aspectos centrais do processo formativo, a atuação dos professores orientadores e os impactos do PRP na formação dos licenciandos. Os relatos dos participantes foram considerados fundamentais para compreender os desafios e estratégias adotadas no período.

Os docentes que participaram do estudo pertenciam a cursos de licenciatura em diversas áreas do conhecimento, incluindo Biologia, Ciências Sociais, Física, Geografia, História, Matemática e Pedagogia. Para assegurar a confidencialidade dos participantes e respeitar os princípios éticos da pesquisa, suas identidades foram preservadas, sendo designados como Orientador 1, Orientador 2, até Orientador 7. Dessa forma, os trechos das falas apresentados neste artigo são provenientes das entrevistas realizadas com esses orientadores.

A análise dos dados seguiu uma abordagem qualitativa, fundamentada no método construtivo-interpretativo de González Rey (2010) e na proposta dos núcleos de significação de Aguiar e Ozella (2006). Inicialmente, realizou-se uma leitura minuciosa das transcrições das entrevistas, com o objetivo de identificar palavras, expressões e ideias-chave que evidenciassem aspectos relevantes do processo de orientação no PRP durante a pandemia. Esses elementos foram selecionados com base na recorrência nas falas dos participantes e na sua relevância para o objeto de estudo, sendo organizados como pré-indicadores.

Na etapa seguinte, os pré-indicadores foram agrupados conforme sua similaridade, complementaridade ou relação temática, originando os indicadores. A partir desse agrupamento, os indicadores foram analisados de forma mais aprofundada, resultando na construção dos núcleos de significação. Esses núcleos representam

categorias centrais que emergiram das falas dos docentes orientadores, sintetizando os principais aspectos do processo de mediação pedagógica no contexto do ensino remoto.

Neste artigo, apresenta-se um dos núcleos obtidos na pesquisa mais ampla, com foco na relação entre a prática da orientação e a mediação digital. Essa abordagem permitiu discutir como a ação orientadora foi desenvolvida no contexto atípico da pandemia, destacando os desafios enfrentados pelos professores, especialmente no que se refere à exaustão mental e aos impactos emocionais latentes no processo. Além disso, analisa-se a transferência da docência para o ambiente residencial, evidenciando as implicações dessa mudança para a prática pedagógica e para o bem-estar dos docentes orientadores.

A EXAUSTÃO MENTAL DE QUEM FORMA PROFESSORES EM TEMPOS DE PANDEMIA

Este tópico visa aprofundar a compreensão do papel desempenhado pelo Orientador como um apoio emocional para os residentes durante o período desafiador da pandemia. A análise vai além da vertente pedagógica, explorando os aspectos emocionais que moldaram e foram moldados pelo processo de orientação e destacando a natureza multifacetada do trabalho do orientador e as implicações significativas que os aspectos emocionais tiveram no processo de orientação e no próprio bem(mal)-estar do docente universitário.

O enfoque desta discussão é essencial para compreender como o orientador desempenhou um papel vital não apenas no desenvolvimento acadêmico, mas também no apoio emocional necessário para lidar com as complexidades psicológicas apresentadas pelos residentes nesse período desafiador.

Partindo da premissa de que a ação orientadora na formação de professores, especialmente no contexto da prática pedagógica, abrange diversas dimensões, Alarcão e Tavares (2003) destacam a atividade de orientação como essencialmente uma atividade de resolução de problemas. E isso foi uma prática inerente ao trabalho docente durante a pandemia.

Ao longo do cenário pandêmico inúmeras foram as frustrações, desde as restrições sociais alterando o *locus* de ensino até o impacto avassalador das inúmeras perdas de vidas ocorrendo em todo o mundo, além de um contexto político caótico.

O Orientador 2 fornece uma perspectiva precisa sobre o cenário enfrentado no processo de orientação, ilustrando as implicações de fatores externos:

A gente ficou contando mortos, a gente teve uma ausência do Estado na questão das vacinas, esse isolamento fez com que pessoas acabassem tendo problemas psicológicos, eu mesmo peguei Covid e foi um caos, pois estava com a sobrecarga da universidade e tinha todas as questões que a Covid fornecia, além da falta de suporte tanto técnico, e até mesmo da própria instituição que não ajudou em muitas questões (ORIENTADOR 2).

O relato do Orientador 2 serve como um portal para uma discussão profunda sobre a exaustão mental que permeou a experiência da orientação pedagógica durante a pandemia. Para além dos desafios técnicos e pedagógicos, emerge a figura do orientador como um ser humano vulnerável, impactado por um cenário caótico e pela sobrecarga de trabalho.

Essas dificuldades evidenciam a precarização do trabalho docente durante a pandemia. A falta de recursos, como infraestrutura tecnológica adequada e suporte técnico dificultou o processo de orientação. A sobrecarga de trabalho com a necessidade de conciliar as atividades presenciais com as virtuais e o impacto da pandemia na saúde mental dos orientadores comprometeram a qualidade da formação dos residentes.

Alarcão e Tavares (2003) afirmam que o Orientador age na perspectiva de auxiliar o professor em formação no seu desenvolvimento humano e profissional. Em um contexto atípico, como a pandemia, notamos que o Orientador foi um suporte considerável para que as atividades de residência pudessem ter continuidade.

Ao discutirem a perspectiva do desenvolvimento humano, os autores se referem aos aspectos relacionados às diversas situações a que a docência está submetida, assim como aos desafios inerentes a essas situações. É evidente que o orientador desempenhou um papel central como suporte estrutural. A atividade orientadora envolveu elementos para além dos aspectos da prática de ensino, abrangendo uma abordagem, como apontado por Alarcão e Tavares (2003), afetiva relacional, com a inclusão dos aspectos emocionais.

Desse modo, a orientação garantiu tanto a continuidade das atividades de residência, como envolveu o apoio emocional essencial para enfrentar as adversidades do contexto pandêmico.

O Orientador 5 destaca a centralidade do papel do orientador no contexto da pandemia, atuando como um pilar fundamental para a continuidade das atividades, indicando que qualquer desânimo por parte do orientador poderia reverberar em todo o projeto, o que sublinha a importância da figura do Orientador e a sobrecarga, colocada sobre esse docente, da sustentação e condução das atividades dos subprojetos. Vejamos:

Se o orientador desanimasse, isso iria refletir em todo o projeto. O orientador teve que estar presente, dando apoio e, ao mesmo tempo, supervisionando e orientando (ORIENTADOR 5).

A fala acima também evidencia uma preocupação essencial sobre a exaustão mental dos orientadores durante a pandemia, ressaltando a importância de manter o ânimo e o engajamento e destacando como qualquer desmotivação por parte deles poderia impactar negativamente todo o projeto educacional.

O estudo de Dias e Matos (2023) corrobora com essa preocupação ao salientar como o cenário pandêmico agravou a sobrecarga de trabalho e o conseqüente esgotamento mental e emocional, especialmente devido à transição para o ensino virtual, visto que a virtualização do ensino trouxe desafios adicionais aos orientadores e professores, aumentando as demandas e contribuindo para vivências de exaustão intensa.

O Orientador 5 adiciona um outro ponto sobre a complexidade da orientação no PRP. Ao relatar a experiência de aula síncrona dos residentes com os alunos do 3º ano do Ensino Médio, demonstra o quanto a orientação também partiu de uma ação que envolvia manter a estabilidade dos residentes mesmo diante da instabilidade. A saber:

A gente começou com aula síncrona com os alunos 3º ano e apareciam dois, três alunos, e isso era angustiante demais, e eu, como orientadora, ficava sempre entre aquela situação desesperadora, e eu não podia demonstrar instabilidade para os residentes, porque senão era "ladeira abaixo", sabe aquela sensação? Eu me sentia uma animadora de torcida, sério! Eu tinha que falar: "Gente, olha... tem três alunos, tá bom?! Vocês têm três alunos aí para dar aula" (ORIENTADOR 5).

A analogia feita pelo orientador de se sentir como uma “animadora de torcida” revela a pressão emocional enfrentada pelos orientadores, que, além de lidar com as adversidades práticas, também precisavam sustentar um ambiente positivo para os residentes.

O orientador 3 também reforça essa discussão, ao trazer à tona o impacto da pandemia em seu papel de orientador:

Durante as orientações e perante as demandas, eu me via em uma situação de não conseguir orientar como deveria, e que também eu não sabia, isso se deu pelo contexto no qual estávamos, era tudo novo (ORIENTADOR 3).

A afirmação de “não conseguir orientar como deveria” evidencia a pressão sentida pelo orientador em alcançar os padrões esperados de orientação, possivelmente devido às circunstâncias únicas da pandemia. A admissão de que “não sabia” sublinha a incerteza e a falta de precedentes que os orientadores enfrentaram.

Dessa forma, a situação pandêmica introduz uma camada adicional de complexidade: a alteração do local de orientação, agora centrada em uma estrutura midiática, e a expansão das responsabilidades. Isso inclui o apoio emocional adicional aos residentes diante do estresse, da incerteza e de fatores internos que sobrecarregam os orientadores; e a gestão de sua própria carga emocional.

Assim, é possível perceber que a abordagem multifacetada evidencia a complexidade da orientação no PRP, demandando habilidades diversificadas por parte dos orientadores. Antes da pandemia de COVID-19, o exercício da docência já era reconhecido como um trabalho que exigia uma dedicação intensa e, com a crise sanitária, as dificuldades inerentes à prática docente foram ampliadas, resultando em vivências de exaustão intensa (Dias; Matos, 2023).

No entanto, é importante ressaltar que a estrutura na qual os orientadores estavam imersos também gerou diversas problematizações relacionadas às dificuldades de orientação. É observável que as dificuldades enfrentadas pelos orientadores não são apenas de natureza interpessoal, mas também estão intrinsecamente ligadas às condições estruturais nas quais estão inseridos.

Embora o suporte emocional oferecido pelos orientadores seja inegavelmente valioso, é necessário questionar até que ponto a absorção constante das frustrações e desafios emocionais dos residentes pode gerar um mal-estar docente para os orientadores e, conseqüentemente, a precarização do trabalho do docente do ensino superior.

Portanto, é imperativo considerar a importância do papel do orientador na continuidade das atividades, bem como reconhecer e abordar as implicações da sobrecarga enfrentada pelos docentes durante o período desafiador da pandemia. Essas reflexões adicionam uma camada crítica à discussão, ampliando a compreensão dos impactos multifacetados da pandemia no campo da orientação e formação docente. A transição para o ensino remoto introduziu uma nova camada de complexidade no processo de orientação.

A absorção constante das frustrações e desafios emocionais dos residentes pode resultar em um mal-estar docente para os orientadores, que se veem sobrecarregados pelas demandas emocionais dos residentes, impactando negativamente sua própria saúde mental e satisfação profissional.

Para embasar essa compreensão do mal-estar docente, recorremos a Esteve (1999), que utiliza essa expressão para descrever os efeitos duradouros e negativos que impactam a personalidade dos professores. Esses efeitos são resultado das condições psicológicas e sociais em que os docentes exercem a docência, sendo agravados pela acelerada mudança social.

No contexto da pandemia, a mudança abrupta para o ensino remoto, com o deslocamento do ensino presencial e para um ensino mediado por tecnologia digitais, adiciona uma dimensão única aos desafios enfrentados pelos orientadores, amplificando as pressões emocionais e a sobrecarga de trabalho. A falta de contato presencial, a dificuldade em interpretar nuances emocionais através de telas e a gestão de questões práticas relacionadas à virtualidade contribuíram para a intensificação do mal-estar docente.

A discussão suscita reflexões críticas sobre como a estrutura da docência e, por conseguinte, da orientação, que durante a pandemia impôs uma vasta sobrecarga aos professores. É evidente que a figura do docente foi fundamental para a continuidade das atividades do PRP, mas é igualmente importante ressaltar o quanto a atividade da docência foi exaustiva. Consequentemente, a reflexão crítica nos conduz a uma compreensão mais profunda do desafiador exercício da docência e da mediação digital durante a pandemia.

Enquanto reconhecemos a importância fundamental do papel dos orientadores na continuidade das atividades de residência, é imperativo destacar o ônus substancial e muitas vezes invisível que a docência exerceu sobre esses profissionais. Assim, a discussão pautada no próximo tópico nos ajuda a compreender como se deu o exercício da docência e a mediação digital, compreendendo como a transferência da docência para o ambiente residencial trouxe implicações para a prática de orientação no PRP e, consequentemente, indícios da precarização docente durante a pandemia.

A INVASÃO DOMÉSTICA: A DOCÊNCIA EM TEMPOS DE PANDEMIA

A reorganização do trabalho docente, frente às contingências ocasionadas pela pandemia, demandou adaptações no formato das aulas, que passaram a ser transmitidas por intermédio das plataformas digitais. Apesar de poupar os profissionais da educação superior dos riscos diretos de contaminação pela COVID-19 no trabalho, a adoção do ensino remoto, realizada às pressas, afetou a vida e o labor das/dos docentes submetidas(os) a esse novo regime de trabalho e provocou mudanças em suas rotinas diária e no exercício docente.

Nesse cenário, a atuação docente é redesenhada por uma série de questões que influenciam as práticas de trabalho do professor. A pandemia veio acelerar e viabilizar a utilização de novas tecnologias, transformando o exercício da docência em ações mediadas pelas tecnologias digitais, submetendo os profissionais a uma transição abrupta para o uso dessas tecnologias.

Se antes o trabalho docente já envolvia uma carga horária extensa, que ultrapassava as horas formalmente atribuídas às atividades acadêmicas, estendendo-se para além do ambiente acadêmico, a chegada da pandemia acentuou de maneira mais evidente a precarização do trabalho docente.

Com o distanciamento territorial da docência, os professores foram obrigados a adaptar suas práticas de ensino para o ambiente doméstico. O lar, antes associado principalmente ao descanso e à vida familiar, transformou-se em um novo espaço de trabalho.

O Orientador 5, ressalta como foi essa mudança de cenário:

Transformar minha casa em um ambiente de trabalho foi muito difícil, toda essa mudança de lócus foi complicada, a gente sabe que em casa existem diversas distrações. Sem contar que não teve nenhuma movimentação institucional, até mesmo do estado, para pensar nessa transferência tão repentina da docência, e digo até mesmo da orientação para o virtual, sobretudo para a minha casa (ORIENTADOR 5).

Percebe-se que o orientador traz em sua fala diversas questões relacionadas à transferência do seu ambiente de trabalho para sua casa, sobretudo a mudança repentina sem nenhuma orientação para essa mudança. Com esse cenário, houve ainda a desresponsabilização do Estado, conforme afirmado por Barcelos (2022, p. 11) que “não observava as peculiaridades do caso dos docentes, que precisavam se virar por não receberem nenhum tipo de apoio ou plano”. A fala do orientador 3 ressalta essa afirmação:

O espaço de trabalho foi transferido para minha casa, a instituição nunca perguntou se eu tinha condições de transferir esse espaço para a minha residência (ORIENTADOR 3).

Diante disso, percebe-se que a transferência foi sem precedentes e a instituição, nem mesmo o Estado, consideraram adequadamente as condições individuais dos professores ao transferir o local de trabalho para suas casas durante a pandemia. A fala do orientador evidencia que os professores foram encarregados de realizar seu trabalho em casa sem que a instituição tenha considerado se eles tinham as condições necessárias para isso, como espaço adequado, equipamentos ou suporte técnico. Isso destaca uma lacuna na consideração das necessidades e no apoio oferecido aos professores durante um período desafiador de mudanças abruptas.

Com isso, há de se concordar com Barcelos (2022) que a precarização da docência foi nítida na pandemia, tendo um cenário no qual os professores foram sobrecarregados com tanto trabalho, que coincidia em manter um nível de ensino em um contexto marcado pela docência ocorrendo no espaço pessoal do professor.

Embora o professor, assim como qualquer outra profissão, também seja um vendedor de força de trabalho (Antunes, 2009), é essencial reconhecer a amplitude do trabalho docente, que transcende o ambiente de trabalho convencional acadêmico e é levado para casa. Durante a pandemia, esse deslocamento do ensino para o ambiente residencial não foi apenas uma mudança superficial, foi uma reconfiguração completa da prática educacional.

Costa e Marafon (2009) acentuam essa dimensão ao destacar que a desvalorização da docência está ligada, em parte, à romantização do magistério como um dom ou vocação, muitas vezes comparado a um sacerdócio. Essa percepção idealizada do trabalho docente pode obscurecer as demandas reais e as condições desafiadoras enfrentadas pelos professores, especialmente em momentos de crise como a pandemia.

Essa perspectiva, para os autores, muitas vezes não reconhece a importância da formação inicial para a docência, o que acarreta no esvaziamento dos conteúdos dessa formação, como é o caso das contrarreformas em curso, a exemplo a BNC-Formação. Essas concepções servem como “justificativas ideológicas para que a sociedade capitalista exija do professor o exercício da profissão sob condições de trabalho cada vez mais rebaixadas, com aviltamento dos salários” (Costa e Marafon, 2009, p. 164).

Diante disso, ao analisar o contexto do ensino superior, percebemos que a carga de trabalho do docente vai além das aulas ministradas na graduação e pós-graduação, envolve diversas atividades como participação em grupos de pesquisa, orientação de trabalhos acadêmicos, coordenação de cursos, além do alto grau de produção acadêmica e das inúmeras reuniões burocráticas que estão inseridas nesse pacote.

Corroborando com essa discussão, Borsoi (2012) destaca a invisibilidade de grande parte das atividades docentes, que são intensas em exigência cognitiva e muitas vezes extrapolam as 40 horas semanais. O autor afirma:

Mesmo que as atividades dos docentes impliquem uma intensa exigência cognitiva e eles despendem tempo em jornadas que, muitas vezes, ultrapassam 40 horas semanais, o resultado de seu esforço é, em geral, impalpável. Ministras aulas, pesquisar, participar de reuniões deliberativas, orientar estudantes – tudo isso faz parte de uma produção quase sempre invisível aos olhos da própria comunidade acadêmica e, em particular, aos daqueles que estão fora dessa coletividade. Muitas de suas tarefas são, de fato, não produtivas e apenas furta tempo significativo de uma jornada, nada acrescentando ao docente e à instituição (Borsoi, 2012, p. 98).

Os docentes participantes desta pesquisa, todos eles, sem exceção, dedicam-se a uma variedade de atividades além da orientação no PRP, como as atividades típicas da docência na graduação e pós-graduação, coordenação de cursos, orientação de projetos de iniciação científica e extensão, participação em grupos de pesquisa e a produção constante de publicações científicas, demandas típicas do produtivismo acadêmico, mas que também refletem o compromisso com a produção do conhecimento que se dá pela pesquisa.

Adicionalmente, enfrentam outras demandas associadas à prática docente, conforme discutido anteriormente, o que ressalta o caráter multifacetado do papel do orientador. Essas exigências vão além dos aspectos pedagógicos, abrangendo diversas dimensões que são colocadas e com que se deparam no exercício da docência.

Ao focar nas atividades de residência, nota-se o quanto os aspectos burocráticos estavam envolvidos na ação orientadora durante a pandemia. O Orientador 1 aponta alguns desses aspectos:

Durante a pandemia fomos atravessados por inúmeras reuniões que eram estabelecidas pela instituição, e isso era cansativo, não tínhamos um horário dedicado ao trabalho, igual era no presencial, as reuniões eram a todo momento. Essa burocracia foi cansativa, porque não era somente as atividades de residência, havia coisas relacionadas à graduação também (ORIENTADOR 1).

Por meio do extrato de fala, percebe-se o quanto o exercício docente durante a pandemia, através das mediações digitais, esteve ligado a uma carga de exaustiva de trabalho para além das atividades de orientação. A fala do Orientador 1 demonstra a exaustão causada pelas frequentes e extensas reuniões institucionais, que não se limitavam apenas ao PRP, mas se estendiam a diversas outras responsabilidades da docência universitária, sem horários definidos, invadindo seu tempo pessoal e de lazer. A falta de organização e planejamento, com agendas sobrecarregadas e tópicos nem sempre relevantes para a residência, geravam estresse e desmotivação, dificultando o foco nas atividades essenciais da orientação.

O Orientador 7 também destaca a sobrecarga de tarefas administrativas como fator principal da exaustão, além das atividades de orientação em si, a saber:

O que foi a docência na pandemia, foi exaustivo ao extremo. Era um excesso de resolução de burocracias que foi jogado pra gente, e falo de burocracia que envolveram as inúmeras reuniões, e não era com residente, era com a universidade. Além disso, houve momentos críticos em que tivemos que auxiliar os residentes a lidar com situações caóticas, como o episódio em que a Capes não estava efetuando o pagamento das bolsas (ORIENTADOR 7).

Nota-se que, além das responsabilidades inerentes à orientação, a docência durante a pandemia se tornou extremamente exaustiva devido ao excesso de burocracias. É evidente que as reuniões se tornaram um aspecto particularmente desgastante, pois muitas delas eram percebidas como improdutivas e irrelevantes. Essa burocracia excessiva se converteu em um verdadeiro fardo, dificultando a produtividade e comprometendo o cumprimento das metas do programa de orientação.

A referência à intensificação do trabalho docente na atualidade, conforme abordado por Garcia e Anadon (2009), adiciona uma perspectiva teórica à situação vivenciada pelos orientadores. O conceito de intensificação do trabalho docente se refere à ampliação das responsabilidades e atribuições dentro do mesmo período de trabalho, incluindo tarefas administrativas, de gestão e de formação. Essa ampliação das demandas pode levar a um aumento na carga de trabalho e na complexidade das atividades desempenhadas pelos profissionais da educação.

Ao relacionar esse conceito à atividade de orientação durante a pandemia, torna-se nítido que os orientadores se viram envolvidos em uma gama extensa de atividades para além daquelas estritamente relacionadas à orientação de residentes. As demandas do PRP se apresentaram como atividades adicionais, desafiando a rotina do professor universitário ao agregar responsabilidades diversas e, muitas vezes, burocráticas.

Nesse contexto, a discussão colocada por Castells (2000) se faz pertinente. O autor ao pontuar que a introdução da tecnologia vem transformando o mercado desde a Revolução Industrial, sinaliza que essa mudança vem trazendo implicações para o trabalho docente, uma vez que o docente está totalmente envolvido nas mudanças tecnológicas, uma realidade que se tornou ainda mais evidente com a pandemia.

A introdução e rápida evolução da tecnologia têm impactado significativamente a natureza do trabalho docente. As ferramentas digitais, plataformas digitais e métodos de ensino à distância alterou a dinâmica da sala de aula. A pandemia acentuou ainda mais essa transformação, trazendo consigo uma série de desafios e reflexões sobre a natureza do ensino remoto, especialmente em relação à orientação pedagógica do PRP que, até então, ocorria nos espaços acadêmicos.

O desafio de alinhar as exigências profissionais da universidade com as demandas do ambiente familiar foi um fator preponderante nas atividades do professor universitário. Isso é identificado na fala do orientador 3:

Trabalhar em casa para mim não foi uma facilidade, porque tudo invadiu a minha casa, toda a dimensão profissional invadiu o meu espaço pessoal. As coisas foram acontecendo, na minha casa, eu tenho um espaço, mas não é a mesma coisa. Quando eu digo que invadiu, por mais que você tenha organizado seu tempo de trabalho e seu local de trabalho, todos os integrantes da minha família estamos em trabalho remoto (ORIENTADOR 3).

Quando o orientador fala da invasão, o que se percebe é que a invasão foi em todos os sentidos. A invasão não se limitou apenas ao espaço físico, mas permeou as atividades diárias e a dinâmica familiar. Com a transição para o ensino remoto e as reuniões por vídeo chamada, o ambiente residencial, antes reservado,

tornou-se completamente exposto. Essa invasão não se restringe apenas ao aspecto físico do espaço doméstico, abrange também a esfera pessoal, pois as práticas online introduzidas durante a pandemia ocuparam o espaço físico da casa e expuseram a vida pessoal ao ambiente de trabalho. Assim, a noção de invasão transcende o simples conceito físico e abrange uma intrusão em todas as esferas da vida cotidiana do orientador, impactando sua rotina profissional, sua vida familiar e pessoal.

Assim, essa “invasão territorial” na prática de orientação, como em todas as atividades docentes durante a pandemia, conforme observado por Portes e Portes (2021), implica a ausência da separação e distanciamento necessários entre trabalho e descanso, entre o tempo dedicado ao trabalho e às responsabilidades domésticas. Com a transferência de todas as atividades para o ambiente residencial, tornou-se essencial conciliar as demandas que antes eram segregadas. Essa realidade é evidenciada na fala do Orientador 1:

A transição do trabalho para minha casa foi difícil, até porque eu precisava lidar com tudo à minha volta, eram as atividades da minha casa, as atividades do PRP e outras atividades da universidade. Não tinha um horário específico, tudo ficou muito solto, foi cansativo (ORIENTADOR 1).

A ausência dessa demarcação clara entre espaço acadêmico e residencial resultou em um desafio significativo para os orientadores, pois a sobreposição contínua de responsabilidades profissionais e pessoais levou à exaustão, comprometendo assim o bem-estar docente. Nesse contexto, entende-se essa invasão não apenas como uma questão física, mas como uma interferência nas fronteiras temporais e emocionais, o que destaca como foi difícil preservar o equilíbrio entre a vida profissional e pessoal durante períodos desafiadores como foi a pandemia.

O Orientador 3 também destaca outro ponto, afirmando que não apenas ele se encontrava em trabalho remoto, mas todos os membros da família. Esse foi o cenário vivenciado por todos aqueles que estavam imersos no ensino remoto. Essa hibridização entre o mundo doméstico e profissional atravessou o trabalho docente. Markuart e Maraschi (2023) apontam que, no contexto pandêmico, as “questões pessoais que geralmente não são compartilhadas foram reveladas, expondo posições, interesses e práticas que normalmente são mantidas privadas ou reservadas a outras esferas sociais” (p. 32).

O Orientador 7, por sua vez, não demonstra nenhuma dificuldade perante a mudança de cenário da orientação, o mesmo ressalta:

O fato de estar em casa, eu acho que não mudou muita coisa, porque eu já tinha meu espaço de trabalho, eu fechava a porta, ou combinava com pessoal aqui de casa, qual era o horário da aula, vai começar a reunião. Isso de certa forma eu achava engraçado. Eu achei legal! Eu estava muito de pensar que esse era o momento da vida, vamos aproveitar, vamos viver isso daqui, é claro que estava ruim por diversos motivos, mas tínhamos que viver aquilo, eu procurava ver o lado bom daquilo tudo (ORIENTADOR 7).

Não estou dizendo que foi tudo muito fácil, mas eu acho que sempre são problemas constitutivos da vida, das atividades, cada atividade tem sua questão, no caso do presencial não tem aquelas baterias das atléticas que ficam ensaiando no horário da aula? No caso meu lá de casa, tinha o pessoal da prefeitura fazendo a música lá do outro lado, ou mesmo em casa alguma situação. Eu tentava tratar isso como algo que estava dentro das nossas lidas, sem gerar mais tensão (ORIENTADOR 7).

Ao mencionar situações ocorridas no período das orientações remotas, o orientador evidencia que a adaptação ao ambiente domiciliar não foi isenta de peculiaridades e desafios. Ainda que ele tenha tentado tratar essas situações com bom humor e leveza, é possível entrever a complexidade de conciliar as demandas profissionais com a dinâmica do lar.

O Orientador também destaca como o exercício docente na pandemia envolveu reconhecer as nuances do trabalho remoto e lidar com elas, especialmente quando se misturam com a vida cotidiana. Com relação à presença de elementos externos, como ruídos ou interferências domésticas, relata como o contexto do ensino remoto apresentou desafios únicos que exigiram habilidades adaptativas e estratégias para manter a qualidade do trabalho docente.

Diante disso, é necessário problematizar de que formas essas atividades reforçam e ampliam o debate da proletarização da docência. Ao situar a proletarização, partimos do pressuposto de que a profissão docente esteve imersa durante a pandemia em um cenário de trabalho caótico, que explorou de fato o professor. Para Alves et al (2020, p. 66) ser membro do proletariado “significa não possuir o domínio do próprio ofício, enfrentar sobrecarga de trabalho, condições desfavoráveis para o exercício da profissão”.

Ao analisar os relatos dos orientadores é evidente esse cenário de precarização da docência, em especial nas práticas de orientação, isso é visto em outra fala do Orientador 3:

O que foi evidenciado nesse período de atividades remotas de residência foi o cuidado que a gente precisa ter com a profissão professor, a gente foi muito massacrado durante a pandemia com discursos dizendo que os professores não fizeram nada na pandemia, nós trabalhamos quatro vezes mais, e isso, em hipótese alguma, foi considerado pelas instituições (ORIENTADOR 3).

O relato do orientador exemplifica a hostilidade enfrentada pela docência durante a pandemia, quando a profissão foi atacada sem levar em consideração o contexto exaustivo do trabalho dos professores. Esse contexto estava marcado por uma desresponsabilização do Estado em todas as esferas, com uma orientação neoliberal de extrema direita que subalterniza a Educação.

No caso específico de Minas Gerais, o governo Zema com fortes marcas dos ideais empresariais e uma coadunação com as privatizações, constitui um governo de desmonte da educação pública mineira. Isso vem sendo apontado em diversos estudos, como analisado por Cazetta (2022), ao apontar os impactos da burocracia no trabalho docente no estado de Minas Gerais. Oliveira et al (2021), por sua vez, ressaltam a estruturação da educação mineira durante a pandemia, evidenciando o quão desgastante foi o exercício docente, sobretudo perante as propostas do ensino remoto, com os Plano de Estudos Tutorados (PETs).

A experiência do Orientador 7 ilustra de maneira vívida os desafios enfrentados pelos residentes e pelo próprio projeto:

Teve residente que estava com dificuldade de se adaptar ao ensino remoto, e a dificuldade vem para o próprio projeto, e isso foi comigo também, porque as reuniões são online, as discussões são online, ter que planejar as aulas para postar nos grupos, ter que elaborar formulário do Google, observar aulas, por mais que as aulas acontecessem às quartas-feiras as aulas de matemática, tinha que observar essas aulas, ler os PETs pelo computador, esse excesso de computador gerou um cansaço e uma dificuldade de adaptação, eu senti isso, e os residentes também (ORIENTADOR 7).

Esse foi um processo de orientação foi algo que também cansou, o cansaço acabou sendo algo que aconteceu dentro dessa busca de estratégias para interagir com os alunos, eu com os residentes, isso tudo também cansava, foi um período de grande exaustão para gente, acredito que para todos (ORIENTADOR 7).

A experiência do orientador revela o quanto a ação orientadora foi fatigante, sobretudo pelo extremo cansaço gerado pelo excessivo uso das telas, ademais, nota-se que houve uma “plataformização” da educação e consequentemente do exercício docente, dado que o uso de TICs na ação orientadora foi intenso.

E isso, no âmbito do Ensino Superior, alcançou uma massificação notável, impulsionada pelo uso das tecnologias e por todo o processo de burocratização, associado a essa reorganização pedagógica para o ensino remoto. O uso massificado das TICs no Ensino Superior não apenas transformou a dinâmica das salas de aula, mas também redefiniu a natureza do trabalho docente. A transição para plataformas online e ferramentas digitais introduziu novos desafios, desde a adaptação pedagógica até a gestão eficiente da burocracia envolvida, conforme relata o Orientador 1:

Com o ensino remoto teve também todas as questões que envolvem lidar com os diferentes espaços em que os residentes se encontravam. Apesar de estarmos todos reunidos em uma sala do Meet, a demanda de lidar com os diferentes espaços que eles se encontravam também foi um adicional no trabalho do orientador, era reconhecer que eles também estavam em casa, e tinham também todas as demandas familiares em que nós também estávamos imersos. Aliás, estávamos em casa (ORIENTADOR 1).

A complexidade de estabelecer limites claros entre o espaço profissional e pessoal foi comprometida, tendo em vista a transferência do lócus de trabalho do orientador para o lar. A invasão dessas fronteiras do trabalho com o ambiente domiciliar criou desafios adicionais, além de lidar com essas questões os orientadores também se depararam com a necessidade de lidar com os residentes que se encontravam em diferentes ambientes domésticos.

A necessidade de lidar com as diversidades dos alunos, que agora se encontravam em diferentes ambientes domésticos, impôs ao trabalho do orientador reconhecer e gerenciar uma nova camada de demandas e complexidades que veio no pacote do ensino remoto.

Portanto, é evidente que a transferência da docência para o ambiente residencial acarretou uma intensificação do trabalho docente e, consequentemente, um cansaço perante a grande demanda das atividades utilizando o computador. Embora o ensino remoto tenha se tornado uma necessidade para manter a continuidade das atividades educacionais, é essencial reconhecer os impactos dessa mudança na saúde e bem-estar dos docentes. A atenção à saúde mental e ao equilíbrio entre vida profissional e pessoal torna-se crucial em meio a esses desafios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

À luz dos resultados obtidos e das reflexões desenvolvidas ao longo deste artigo, é possível delinear considerações finais que destacam as complexidades inerentes à atuação docente em tempos de pandemia, sobretudo do professor universitário.

No que concerne a atuação dos orientadores, foi possível constatar que desempenharam um papel fundamental nas atividades do programa, contudo, a transição para o formato remoto durante a pandemia trouxe desafios substanciais, uma vez que a transferência da docência para o ambiente residencial apresentou diversas demandas que não estavam inicialmente previstas.

A transferência da docência para o ambiente residencial não apenas redefiniu as dinâmicas de ensino, mas também trouxe à tona uma série de demandas adicionais que impactaram significativamente o processo de orientação. A invasão do ambiente doméstico pelo trabalho docente foi uma realidade enfrentada por muitos professores, gerando uma intensificação do trabalho e uma sobrecarga emocional. A falta de demarcação clara entre o espaço profissional e pessoal resultou em desafios significativos para conciliar as demandas profissionais com as responsabilidades familiares e domésticas.

Além disso, a burocratização associada ao ensino remoto acrescentou uma camada adicional de complexidade ao trabalho docente, exigindo dos orientadores habilidades adaptativas para lidar com as novas demandas e garantir a continuidade do processo de orientação.

A hostilidade enfrentada pela docência durante a pandemia, sem o devido reconhecimento do esforço e dedicação dos professores, evidenciou a precarização da profissão docente e a falta de apoio institucional adequado. A desresponsabilização do Estado em fornecer suporte e orientação para a transição para o ensino remoto agravou ainda mais a situação dos docentes. Em suma, a pandemia da COVID-19 expôs as fragilidades do sistema educacional e reforçou a necessidade de repensar as práticas de trabalho docente, garantindo condições dignas de trabalho e apoio institucional adequado para os professores.

REFERÊNCIAS

AGUIAR, W. M. J.; OZELLA, S. Núcleos de significação como instrumento para apreensão da constituição dos sentidos. **Psico. Ciên. e profissão**. São Paulo, n. 2, 2006.

ALARCÃO, I.; TAVARES, J. **Supervisão da prática pedagógica**: uma perspectiva de desenvolvimento e aprendizagem. Coimbra: Edições Almedina, 2003.

ALVES, U. A. et al. Proletarização do trabalho docente e o notório saber: desafios e entraves para o resgate da valorização do professor. **Educ. Prof. e Tecno. em Revis.**, v. 4, n. 2, 2020.

ANTUNES, R. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2009

BARCELOS, I. O. G. A precarização da docência no período da pandemia do Covid-19. **Revista caderno virtual**, v. 1, n. 1, p. 1-20, 2022.

BORSOI, I. C. F. Trabalho e produtivismo: saúde e modo de vida de docentes de instituições públicas de Ensino Superior. **Cadernos de Psicologia Social do Trabalho**, v. 15, n. 1, p. 81-100, 2012.

CASTELLS, M. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

CAZETTA, A. M. **Impactos da burocracia no trabalho docente no Estado de Minas Gerais sob o governo Romeu Zema**. 2022. 132 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia-MG, 2022.

COSTA, A.C; MARAFON, A. M. M. A construção do professor como trabalhador. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n.36, p. 153-166, dez. 2009.

DIAS, L. M.; MATOS, T. G. R. Trabalho docente no ensino superior particular durante a virtualização do ensino na pandemia da Covid-19, **Trabalho & Educação**, v.32, n.2, p.116-127, mai./ago. 2023.

ESTEVE, J. M. Mudanças sociais e função docente. In: NÓVOA, A. (Org.). **Profissão professor**. Portugal: Porto Editora, 1999.

GARCIA, M. M. A.; ANADON, S. B. Reforma educacional, intensificação e autointensificação do trabalho docente. **Educ. e Sociedade**, v. 30, n. 106, p. 63-86, jan./abr. 2009.

GONZÁLEZ REY, F. **Pesquisa qualitativa e subjetiva**: os processos de construção da informação. Trad. Marcel Aristides Ferrada Silva. São Paulo: Cengage Learning, 2010.

LOMBARDI, M. R. **Os empregos e o trabalho dos professores e das professoras da educação básica em tempos de pandemia**. LOMBARDI, M. R, BIZZOCCHI, M.; NATI, L.; SOUZA, R. A. São Paulo: FCC, 2023. 87 p. (Textos FCC: Relatórios técnicos, 64).

MARKUART, E. N.; MARASCHI, C. **Oficinando em rede - Co-habitar tempos possíveis**. 1. ed. Florianópolis, SC: Abrapso Editora, 2023.

PORTES, L. F.; PORTES. F.; O trabalho docente no ensino superior em tempos de ensino remoto emergencial (ER). **Revista Libertas**, v. 21 n. 2, p. 121, 2021.

OLIVEIRA, B. R. et al. A implementação da educação remota em tempos de pandemia: análise da experiência do Estado de Minas Gerais. **Revista Ibero-Americana de Estudos em Educação**, Araraquara, v. 16, n. 1, p. 84-106, jan./mar. 2021.